

I

Tinha sido um dia de grande agitação e de sobressaltos, de fumo, vapor e poeira. No seu íntimo, Mrs. Osmond conseguia ainda sentir a tremenda e constante trepidação cadenciada das rodas do comboio. Era como se ainda se encontrasse sentada no interior da carruagem, junto à janela, tal como estivera sentada durante muitas horas, que lhe haviam parecido infindáveis, com o olhar fixo e ausente voltado para a plácida paisagem campestre inglesa, que fluía interminavelmente na direção contrária à sua, em todo o esplendor verde esbatido de uma tarde de início de verão. Os pensamentos que lhe ocupavam a mente haviam-se desenrolado céleres, à velocidade do comboio, embora sem destino certo, ao invés deste. Na verdade, nunca ela havia notado de forma tão distinta o apressado, imparável e desconexo fluxo de pensamentos precipitados que lhe haviam acudido à mente desde que partira de Gardencourt. O grande monstro, resfolegante e fumegante, que parara com brusca impaciência na pequena e acanhada estação da aldeia e condescendera a que ela ocupasse um lugar num dos seus últimos compartimentos — os dedos dela ainda retinham a impressão do estofo morno e do cabedal gorduroso —, detinha-se agora arfante, depois do tremendo esforço a que se entregara, debaixo da elevada abóbada em vidro, enegrecida de fuligem, da ribombante estação terminal, regurgitando sobre a plataforma a totalidade dos seus viajantes, aturdidos e desgrenhados, bem como a confusa profusão da respetiva bagagem. Bom, dissera a ela de si para si, ao menos chegara a algum lado em concreto.

Staines, a sua criada, mal tinha acabado de sair do comboio quando encetou de pronto uma discussão com um empregado de carruagem de rosto vermelhusco. Não fosse o facto de ser mulher, poderia

dizer-se de Staines que era uma pessoa dotada de um espírito intrépido. Era uma mulher alta e descarnada, uma pessoa toda ela ossos, com pulsos salientes, pés grandes e uma queixada que fazia lembrar a lâmina de um machado primitivo. Ao longo dos anos que havia estado ao serviço de Mrs. Osmond, ou, melhor dizendo, dada a proximidade que as unia, durante os anos em que haviam feito companhia uma à outra, a dedicação de Staines à sua patroa nunca havia vacilado um milímetro que fosse. Aquando do longo exílio no Sul, a sua complacência acabara por estender-se ao comércio italiano, bem como à cozinha italiana, para não falar da canalização italiana, que por si só requeria uma resistência muito mais virtuosa. De facto, tal era a sua tenacidade de espírito, que de quando em vez Mrs. Osmond — Isabel — dera por si a desejar ardentemente que a sua criada lhe desse algum descanso, interrompendo, nem que fosse por meio dia, a sua incansável, implacável solicitude. Nas viagens que haviam empreendido juntas em tempos recentes, o sinal mais evidente, bem como a prova maior da lealdade de Staines, fora o facto de ela adotar e manter continuamente uma postura de profunda indignação, não só face à impudência dos empregados de carruagem, dos cocheiros, dos moços de recados e afins, como também diante daquilo que ela considerava ser a insistente credulidade da sua patroa, a sua deplorável ingenuidade e o seu coração irremediavelmente mole. Naquele momento, enquanto a criada, com a touca quase a cair-lhe para os olhos, dada a pujança da sua indignação, se detinha a repreender o empregado de carruagem por falhas no serviço não especificadas — na sua condição de londrina, limitava-se a exercer o direito de discutir com os da sua classe social, na cidade que era também a sua —, Isabel começou a afastar-se, com uma candura algo estupefacta que aprendera a aperfeiçoar ao longo dos anos, nos palcos de muitos e semelhantes confrontos que haviam espoletado entre a vontade de Staines e a obstinação do resto do mundo.

Desejava chegar ao hotel e aí poder inspirar a atmosfera tranquila e arejada dos seus recantos na penumbra, onde então se deixaria ficar sentada e totalmente imóvel durante um longo período de tempo, deixando também o vertiginoso fluxo dos seus pensamentos correr a seu bel-prazer. O descanso ser-lhe-ia concedido tão-só no momento em que deixasse de pensar, e, contudo, como se poderia realizar esse maravilhoso truque? A morte do seu primo Ralph Touchett num fim de tarde, não há muito tempo, em casa de sua mãe, em Gardencourt

(é espantoso pensar que para ele a eternidade havia começado num momento preciso e mensurável, marcado por um clique do relógio), deixara-a com uma tarefa em mãos difícil de resolver, como uma espécie de exercício de geometria ou de álgebra. A solução que lhe era necessário obter não era nem mais nem menos do que encontrar uma forma conveniente de manifestar o seu pesar pelo falecimento do jovem em questão. Na verdade, não seria já adequado dizer que o seu primo era jovem, e contudo era assim que ela se lembrava dele, e sem dúvida que seria assim que sempre se recordaria da sua pessoa. Talvez fosse esse o ponto fundamental da sua dificuldade, dado que parecia quase escandaloso derramar lágrimas por uma pessoa cuja vida havia sido marcada pela morosa destruição de uma devastadora doença, de tal forma que dificilmente se poderia dizer que ele chegara efetivamente a viver. Assim que isto lhe ocorreu, Mrs. Osmond censurou-se de imediato. Quem era ela afinal para julgar a qualidade de vida de fosse quem fosse, por muito breve ou castigada que tivesse sido essa vida? Porém, por detrás desse pensamento censurado espreitava uma formulação mais sombria e irreprimível, a de que o período mais intenso da vida de Ralph ocorrera por intermédio dela, através da forma arrebatada como ele vivera as experiências da prima, observando com um espanto risonho, do lugar que lhe cabia na primeira fila, todos os seus espantosos voos, as suas brilhantes investidas, de um lado para o outro, bem lá no alto, sob as luzes ofuscantes, no alto, bem lá no alto, sob os auspícios do imenso, tremendo apogeu. Ter vivido através de outra pessoa, mesmo através de alguém que ele sempre venerara, representara o culminar do triunfo de Ralph, bem como o abismo do seu fracasso. Quanto ela desejava agora ter sido capaz daquela grandeza que ele projetara nela, aqueles passos mais ousados, piruetas ainda mais graciosas no ar, seguidas de descidas amparadas pela firmeza de um só dedo do pé, o movimento circular de vénias com os braços esguios muito abertos. O que ele nunca teria esperado, o que ele nunca teria imaginado sequer ser possível no caso de uma mulher tão equilibrada como ela, era a imensa, catastrófica descida a pique das alturas que resultara do facto de se ter casado com a pessoa absolutamente errada.

Atrás de si, começou a ouvir a inconfundível firmeza de alguns passos, e volvidos instantes Staines assomou junto ao seu ombro, de plumagem rarefeita, num desalinho crepitante, preparando-se então para a inevitável reprimenda.

“Ora, finalmente a encontro, minha senhora!”, disse a criada num tom de voz alto, pois a sua voz era tão imponente e estrepitosa quanto a sua presença física. “Andava à sua procura por todo o lado, no meio desta gente que só sabe andar aos empurrões.”

“Continuei a andar, foi só isso”, disse Isabel num tom vago de protesto, oferecendo ao mesmo tempo um sorriso atenuador. No entanto, Staines não parecia receptiva a apaziguamentos, e assim a sua patroa ficou à espera, quase com um laivo de interesse, para saber de que forma iria a outra envolvê-la na contenda que tivera lugar ainda há pouco na gare da estação, e na qual ela própria não havia experienciado mais do que um olhar algo macambúzio da parte do empregado de carruagem e uma imprecação dita a meia-voz assim que ela lhe voltara costas.

“O descaramento daquele sujeito!”, disse então a criada, enchendo as bochechas de ar, conforme fazia sempre que ficava irada. “Bom, também ouviu das boas, isso posso garantir-lhe.” Ao dizer isto, vincou bem o seu silêncio ao ajeitar a extremidade do laço da sua touca, e quando retomou o discurso o seu tom parecia denotar mais pesar do que propriamente censura. “Naturalmente, se ele soubesse que vossemecê estava de luto, não tenho dúvidas de que se teria comportado de forma bastante diferente.”

Desta vez, Isabel guardou o sorriso para si mesma. A criada acabara de aludir, num tom dissimulado, ainda que não menos certo por isso, à alteração que se desenrolara entre si e a sua patroa, antes de terem partido de Gardencourt, a propósito de uma faixa de luto, alteração essa que, ao contrário do que geralmente acontecia, acabara por ser perdida pela mais determinada das adversárias. Para todos os efeitos, não deixava de ser uma fita de crepe preto perfeitamente aceitável, o que a criada propusera, com um semblante apropriadamente solene, e a questão resumia-se a perceber qual das duas se mostrara mais surpreendida assim que Isabel recusara, num tom educado mas firme, que essa faixa de luto fosse colocada de modo visível na manga do seu sobretudo de viagem. Depois de breves instantes em que se instalara um silêncio resultante do choque, a criada começara a protestar, e contudo os seus protestos tinham acabado por não surtir qualquer efeito; tratara-se de uma daquelas ocasiões, raras mas decisivas, em que a senhora mostrava a sua firmeza e a criada, prudente, era obrigada a recuar alguns passos. Mrs. Osmond não usaria uma faixa de luto e ponto final, não haveria sequer possibilidade de discus-

são. Staines amuara, naturalmente, e entretanto esperara a sua oportunidade, até agora, altura em que a reluzente espada da sua patroa havia sido novamente embainhada e ela poderia finalmente contra-atacar. “Sim, tenho a certeza”, disse ela, com uma espécie de menear de cabeça implícito no seu tom de voz, “tenho a certeza de que mesmo um rufia da laia dele teria mostrado um pouco de respeito pelo luto de outra pessoa, isto se ao menos tivesse visto alguma coisa que comprovasse esse luto.”

Isabel optou por não responder a esta investida; com o passar dos anos, acabara por perceber que um silêncio distante e não declarado era muitas vezes a forma mais eficaz de rebater as insinuativas provocações da sua criada. Na verdade, ela própria não estava certa da razão de se ter recusado a usar aquela faixa na manga, chegando a ponto de emprestar grande veemência ao seu tom de recusa. Talvez fosse porque lhe parecia excessiva semelhante ostentação pública do seu sofrimento; e que isso representava uma transgressão das regras da decência, e mesmo uma transgressão à luz do pudor. Por outro lado, estava certa de que o próprio Ralph teria experimentado o maior prazer em contemplá-la vestida da cabeça aos pés de bombazina negra, a que se acrescentaria o véu negro e a ampla faixa negra, tão-só com o intuito de a provocar e de rir à sua custa, no tom irónico e amável que era o seu. Assim sendo, pensava ela agora, quiçá pudesse ter transgido face àquela inofensiva convenção da faixa de luto, nem que tivesse sido para conceder ao espírito de Ralph um momento de diversão no lugar onde ele agora se encontrava, nesse reino sombrio onde por certo ele teria aproveitado a oportunidade para desenhar no rosto até o mais ténue dos sorrisos. Ele dera-lhe tanto, e fora afinal tão pouco o que pedira em troca.

Saindo por fim da zona da estação e da sua atmosfera saturada de carvão, Mrs. Osmond teve a sensação de que mergulhara num ambiente vaporoso e iluminado que parecia simultaneamente atravessado e privado de ar puro. Vivera durante tanto tempo num clima sulista impiedoso que a cidade de Londres lhe parecia quase incorpórea, totalmente privada de contornos. Mesmo à luz do Sol, como era agora o caso, a cidade revelava um brilho perlado, e as suas sombras exibiam uma intensa tonalidade de malva. Também a multidão que se deslocava de um lado para o outro, passando por ela como uma espécie de tapeçaria em constante mutação, assomava aos seus olhos envolta numa espécie de vagueza etérea, como se todas essas pessoas, apesar da